

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**UTOPIAS SONORAS
Teorias e potencialidades de diálogo no rádio**

Guilherme Jeronymo Pereira Hernandes e Oliveira¹

Resumo

Através da revisão dos trabalhos de autores que discutem a comunidade (Buber, Candido e Freire) e que discutem especificamente a mídia radiofônica (Brecht, Detoni, MacLuhan, Ortrivano, e Santoro) pretendemos discutir o comunitário, o público e a comunicação, aproximando estudos nesta mídia a análises fundamentais nas ciências humanas, na busca por referenciais para uma metodologia de análise da comunicação dialógica no meio radiofônico no Brasil, partindo do pressuposto que o meio fomenta o diálogo entre diferentes extratos e instituições sociais.

Palavras-chave: Rádio. Comunidade. Dialogia. Comunicação. Metodologia.

Os meios de comunicação são, na maior parte das Teorias da Comunicação que tomaremos por base, responsáveis pela formação de espaços de diálogo, aquilo que alguns estudiosos conceituam como espaço(s) público(s) e que são, grosso modo, os espaços institucionalizados de discussão dos assuntos públicos, sejam eles de caráter local, nacional,

¹ Mestrando do Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. E-mail: gjeronymo@gmail.com.

setorial, etc. Exemplos destes espaços são encontrados em todas as mídias, e no rádio aparecem de formas variadas, presentes em maior ou menor escala na participação de ouvintes em programas ou mesmo na gestão da rádio. Nestes espaços são comuns os deslocamentos entre a relação dos temas tratados e o público para o qual a mídia transmite. Não é incomum ver questões locais de grandes centros urbanos ou de bairros específicos tratadas por veículos de porte nacional, mesmo em noticiários de outras localidades, regionais, especialmente nas mídias que se organizam em redes, como as dos sistemas Globo e Bandeirantes de rádio. Outras tantas vezes o noticiário local não existe, ou existe de forma burocrática, fazendo uma cobertura de fatos oficiais e da “vida social” da localidade. Certas vezes, porém, o critério de proximidade ou distanciamento não remete às distâncias físicas, mas à forma de um grupo, seja uma classe social, um grupo religioso ou uma categoria trabalhista, entender o mundo e as informações dele derivadas.

O rádio é tido por estudiosos, conforme frisa Ferreira, como meio potencial para o fomento do diálogo entre diferentes extratos e instituições sociais através da formação de espaços públicos de discussão, sendo mais permeável que a televisão ou mesmo a mídia escrita por ter, em seu formato, no apelo à linguagem falada, uma tendência a conversa e ao diálogo propriamente ditos. É ainda um veículo de alcance amplamente difundido, pois é fácil de captar, usa de um suporte que, com exceção óbvia dos deficientes auditivos é acessível a todos, inclusive aos analfabetos, e é uma mídia que não exige muito do ouvinte-médio, geralmente trabalhando com uma linguagem acessível a todos os públicos, embora pouco se discuta, do ponto de vista estético, o quanto são atraentes tais linguagens. Hoje seu alcance é facilitado pela recepção em aparelhos de mídia móvel, como MP3 e celulares.

O rádio conta ainda, a seu favor, com uma Cultura do ouvir arraigada em nossa sociedade, quer pelas tradições negra e indígena, de passagem de cultura através do meio oral, quer pela relação forte de nosso povo com a música. Além disso, pesa o fato de ser um “meio quente”, como classificara MacLuhan, fomentando a reconstrução das narrativas pelo receptor, que monta sua própria imagem do fato, da notícia, da cena.

Antes de nos lançarmos sobre a discussão das potencialidades do rádio no fomento ao diálogo voltaremos um pouco nossa atenção para a construção da concepção de Comunidade e Comunitário, categoria que entendemos é base para o entendimento do

princípio de participação que nos interessa entender e perseguir: a Dialogia. Para a discussão do conceito de comunidade tomarei por base os apontamentos de Buber.

A conceituação do Eu-Tu de Buber remete a uma concepção de comunidade necessariamente dialógica, na medida que só reconhece como comunidade aquele espaço em que o diálogo, ainda que não consensual, é cooperativo e busca a formação de um espaço comum de organização, conceito que exploraremos a partir dos resultados de campo, mas que tomaremos como essencial para o entendimento das “fronteiras” desta comunidade, e para o entendimento da mensagem passada a partir dela. Se pensarmos a comunidade em Buber temos de considerar que ele determina sua conceituação a partir do entendimento de uma categoria, o “Diálogo”:

Precisamente, é o diálogo a categoria existencial por excelência sobre a qual Buber busca fundar suas reflexões. A sua proposta de se compreender a realidade humana através do prisma do "dialógico" é um exemplo do vínculo entre a experiência vivida e a reflexão, entre o pensamento e a ação. A sua reflexão articula-se duplamente com a experiência concreta: na sua origem e em seu projeto. A reflexão emerge de uma experiência vivida e se lança, para buscar sua eficácia, para um alcance político e social na medida em que o diálogo é o eixo da proposta de formação de comunidades concretas entre os homens. (Zuben, 1984:sem paginação)

O entendimento do Diálogo como elemento constituinte e fundamental da relação comunitária é uma das bases da filosofia de Buber. Quando ele traça em sua filosofia uma diferenciação entre o Eu e o Tu, subjetivo e objetificado, e admite e aprofunda a compreensão da sociologia alemã da diferença entre Comunidade e Sociedade, conjuntos de categorias que o filósofo descreve como relacionadas, respectivamente, aos aspectos da relação pessoal frente a si e à religiosidade, e pessoal frente a um coletivo, e que marcam tensões existenciais e relacionais, o princípio da Comunidade a partir do Diálogo se define na construção de relações, ao que aponto o trecho abaixo, também de Zuben:

O homem é, assim, um ser de relações. Ao defrontar-se com o mundo atualiza-se, segundo Buber, pelas "palavras-princípio" que o Eu pode proferir. O homem é capaz de múltiplas relações, que podem, no entanto, reduzir-se basicamente a duas atitudes externadas pelas duas palavras-princípio: Eu-Tu e Eu-Isso. Buber se interessa pelo mundo enquanto correlato na relação dialética Eu-mundo. Do mesmo modo, não há Eu em si, apenas o Eu de uma das duas palavras-princípio. (Zuben, 1984)

A construção do Diálogo, por sua vez, independe da comunicação como a entendemos em seu esquema básico emissor-meio-receptor, mas se constitui inclusive no

olhar o outro, entendê-lo e se posicionar em relação a ele. Uma música alta é uma forma de falar ao outro, de se posicionar e forçar um posicionamento dele, talvez muito mais do que um gosto estético. Um programa de rádio onde se discute uma perspectiva em relação aos fatos do dia-a-dia também o é, logo entendemos que assim também funciona a comunicação midiática. Vale ainda citarmos Lima que pontua trechos diversos na obra de Paulo Freire em que disfarece duras críticas ao modelo de comunicação “difusionista” (cfe Detoni, 2004), portanto não-dialógico, ao que destaco:

“Comunicação (é) a co-participação dos sujeitos no ato de pensar... implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (Freire, 1973, in Lima, 1981:59)

Vale frisar que, na essência da constituição deste Diálogo comunitário está a concepção de Comunidade. Em Buber, enquanto categoria ideal, a Comunidade não é única ou fixa. É, antes, quase que utópica, e, como aponta Mello, construída a partir da harmonia de pluralidades internas:

“Para Buber (1987: 47) o sistema comunitário é a legítima união de uma pluralidade de comunidades concretas de todo tipo, assim como a comunidade concreta é a legítima união de uma pluralidade de homens e se forma pelas mesmas leis de encontro mútuo em nome de Deus, da imediaticidade, da ajuda e da liderança”. (Mello, 2005:sem paginação)

A construção da Comunidade, como vimos nos autores, se dá na construção de um sentimento de “Relação” ou “Identidade” para com o outro, advindo da construção de uma série de fatores de união, que aqui entenderemos como princípios de Sociabilidade. A audição e a produção cultural, vindas primeiro da música e depois reconfiguradas com o advento das mídias sonoras constituíam atos de identidade e relação dentro da Comunidade. Formavam fatores identitários, pois se mantinham, com maior ou menor alteração, de geração em geração, com início que se perde na era dos mitos, na memória coletiva dos povos, como aponta Halbwachs:

“Não existe somente a música dos músicos. (...) Há canções de roda, como há cantigas de trabalho. Nas ruas das grandes cidades, as cantigas populares correm de boca em boca, reproduzidas outrora pelos realejos, hoje pelos megafones. (...) Não é necessário que os homens tenham aprendido música para que guardem a lembrança de certas canções e de certas melodias.” (Halbwachs, 1990:172)

Numa releitura de Candido vimos que este propõe um esforço que não é outro senão o de buscar um entendimento do que caracterizaria o grau mínimo de Conforto nas comunidades por ele estudadas, e trabalha-o a partir do conceito de mínimos vitais, que seriam a linha determinante para a continuidade do povoamento ou o lançamento a novos povoamentos e locais, em busca de condições de alimentação, moradia e trabalho condizentes com o mínimo necessário para o sustento do corpo e a percepção de que este sustento é suficiente. A relatividade deste mínimo vital é melhor entendida durante o decorrer da obra, quando da comparação do tipo de consumo presente na sociedade caipira tradicional e na sociedade caipira contemporânea – nos anos de 1950 – ao que destacamos, ainda, o trecho: “Retenhamos, pois, desta discussão, que nas situações de mudanças e nas sociedades civilizadas é possível falar em mínimos vitais e sociais, em sentido comparativo.” (Candido, 2001:35).

A partir deste estudo seminal, e no que diz respeito à questão da objetividade e do entendimento de “problemas sociais”, creio seja possível delimitar hoje como problema, em qualquer área rural minimamente conectada à vida nacional, um mínimo de “comunicabilidade”, uma necessidade intrínseca de se comunicar, ou se sentir parte das redes de comunicação que transpassam a sociedade, seja produzindo ou consumindo comunicação, máxima aplicável às comunidades urbanas, em contexto e sob aspectos distintos.

A importância da Cultura como representação do mundo a partir da Comunidade leva-nos à sua importância central como conjunto de representações e significações, através, entre outras instituições, dos meios de comunicação. Seguindo as anotações de Candido, percebemos sua determinação na adaptação e mitificação das condições de vida. Em complementaridade a esta análise, e nos valendo da compreensão da teoria dos campos, de Bordieu, a qual abordo a partir dos referenciais de Oliveira, temos que:

Com esta concepção, Bordieu descarta a produção como o lugar onde se encontra a essência do sistema social. Explicitamente, ele critica o marxismo por ter esta concepção. Segundo ele, as divisões sociais são formadas a partir de suas representações, ou seja, à medida que classes e outros agrupamentos sociais tem mecanismos de representação, elas passam a ter existência como campos autônomos. (Oliveira, 1997:194)

Mais que compor e representar a sociedade, a Cultura é maneira de diferenciar as sociabilidades e divisões dentro desta sociedade, grosso modo “ideologias”. A

Ideologia/Cultura poderá ser expressa, por sua vez, de forma fiel e refletindo suas condições e diversidades na medida que cria suas representações, inclusive através dos meios de comunicação.

Após os entendimentos traçados a respeito da relação entre Comunicação, Cultura, Ideologia, Sociabilidade e Comunidade, lanço mão de quatro autores para complementar a revisão bibliográfica proposta neste artigo: Brecht, Ortriwano, Santoro e MacLuhan.

Ao analisar a conceituação em Brecht destaco:

De repente se teve a possibilidade de dizer tudo a todos, mas, olhando bem, não se tinha nada para dizer. (...) o rádio tem uma cara onde deveria ter duas. É um simples aparelho reproduzidor e simplesmente reparte”. (...) É preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública. (...) se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também por-se em comunicação com ele. (Brecht, 2005:sem paginação)

Em sua conceituação sobre o meio radiofônico o autor dá grande enfoque à importância do rádio como meio de formação de “espaços públicos”, através do estabelecimento de espaços de diálogo, debate e construção política conjunta, necessariamente passando por um recorte de classe. Esse caráter comunicativo do rádio aproxima-o daquele idealizado nas assembléias, ágoras públicas e espaços educacionais, diametralmente oposto ao caráter essencialmente difusionista das mídias, tais quais o livro, o jornal e o teatro, em suas funções clássicas. O “pôr-se em comunicação com os ouvintes” remete diretamente à dialogia acadêmica e política, indicando um processo de construção de consensos e formação de um grupo/comunidade/identidade, na análise brechtiana de classe, mas que também pode ser estendido a outras leituras, como a conceituação de Comunidade.

Partindo das conceituações de Brecht em seu *Teoria*, Ortriwano conceitua o rádio também em dois momentos, o primeiro focado em questões técnicas sobre o meio, e outro em uma análise de suas potencialidades. Destacamos:

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo, constituindo-se, muitas vezes, no único a levar a informação para populações de vastas regiões que não tem acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais. ‘Este status foi alcançado por dois fatores congregados: o primeiro, de natureza fisio-psicológica – o fato de ter o homem a capacidade de captar e reter a mensagem falada e sonora simultaneamente com a execução de outra atividade que não a especificamente receptiva; o outro, de natureza tecnológica – a descoberta do transistor. (Ortriwano, 1985:78)

Neste trecho a autora conceitua o meio a partir de suas condições técnicas e de seus elementos técnicos que lhe permitem uma maior inserção na realidade brasileira. Tal delimitação é essencial para a análise e discussão das possibilidades do meio, como vemos a seguir:

Para trabalhar com a dupla mão-de-direção é necessário levar em consideração as motivações dos ouvintes para que participem ou não do processo comunicativo, do diálogo mental entre emissor e receptor. O rádio precisa cumprir seu papel social informando, educando, formando, etc., mas sem esquecer que este processo deve ser prazeroso, agradável, espontâneo, permitindo que o ouvinte participe, relaxe, tenha seu lazer e entretenimento. E que os hábitos culturais de cada grupo sejam respeitados. (Ortriwano, 1998:22)

O necessário diálogo mental apontado pela autora é a identificação necessária entre emissor e receptor, não necessariamente derivada de um processo de tomada de consciência de classe, mas que necessariamente passa por um processo de identificação e de produção conjunta de um produto cultural no contexto de um processo comunicacional, com potencial para se constituir como um meio mobilizador ou ao menos capaz de fomentar ações comunitárias, ao que a autora complementa, em outros dois trechos, abaixo destacados:

Sem dúvidas, o rádio pode ser encarado como um meio mobilizador a partir do envolvimento físico com o processo. (...) também a produção de programas pode levar os indivíduos a despertarem para outros âmbitos de interesse, para a participação política ou a mobilização comunitária. (...)

Podemos concluir que ‘o público do rádio não é objeto de um processo mas parte integrante da prática comunicativa, estando presente nas estratégias de produção e emissão’ (...) O rádio é uma das formas através das quais os indivíduos produzem cultura. (Ortriwano, 1998:24)

Tecendo tal sorte de reflexões acerca do meio, Ortriwano dá a entender que a participação na programação/processo comunicacional/diálogo radiofônico é essencial para a constituição de um espaço público de discussão através do meio de comunicação, por suas facilidades de produção e distribuição, mas essencialmente por sua característica intrínseca, derivada de sua relação com o suporte sonoro, que chama para a prática e para a construção, na prática, de produtos culturais.

Ainda anterior às conceituações de Ortriwano, Santoro tece suas conceituações a respeito dos processos comunicacionais que envolvem as rádios livres:

Quanto a essas três opções básicas podemos concluir que uma rádio neutra parece ser inviável, pois sempre acabará havendo alguma forma de controle pelo grupo idealizador da emissora, seja na escolha do tema (delimitação do conteúdo das emissões) ou no próprio aspecto clandestino do trabalho, que já é uma forma de contestação e que, em consequência impedirá a manifestação da voz oficial. No trabalho para a comunidade parece não haver uma diferença fundamental, num primeiro instante, com relação à atuação dos media ‘oficiais’, já que observaríamos apenas uma mudança no plano do conteúdo. De qualquer forma, o rádio transforma-se, nesse caso, num instrumento de luta a serviço de interesses outros que não aqueles dos que controlam as emissoras regulares; interesses que podem, em diversos graus, vincular-se às reais necessidades e aspirações da comunidade junto à qual a emissora de rádio livre atua. Subordina-se diretamente à opção política do grupo militante, repetindo muitas vezes a estrutura unilateral dos meios de comunicação de massa, mas com o senão de inserir-se na sociedade como um meio de contestação, como um instrumento para a mudança direcionada da vida cotidiana. O terceiro aspecto diz respeito a uma rádio que procura criar suas mensagens com a comunidade. Como os outros dois tipos de rádio citados, procura contestar o monopólio dos mass-media num terreno escolhido pelo grupo, mas tem por princípio uma produção própria feita a partir das bases e em seu benefício. (Santoro, 1981:102)

No trecho destacado, o autor traça três linhas de atuação possíveis entre as rádios livres, diferenciadas entre si pela relação política e conseqüente relações de poder internas, e diferenciadas da Mídia Comercial e de Massas pela sua relação com a base/comunidade a que se liga, logo por sua identificação com um grupo social e a possibilidade de dirigir sua comunicação a este grupo, servindo-lhe para a propagação e discussão de suas idéias. Sua dialogia, por sua vez, tem em seu princípio a relação de identificação advinda da participação ou da relação direta entre meio e receptores, sendo estes também os emissores ou o público específico a que os emissores se destinam.

Voltando-nos a um autor que pensa o meio a partir de seu potencial inato, tecnológico, abordo em MacLuhan o conceito do rádio como um “meio quente” com o poder de envolver as pessoas em profundidade, seja para informações, seja para entretenimento, que o autor reconhece quando diz que “É o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras” (MacLuhan, 2005:338). O estudioso caracteriza como um meio quente aquele que produz uma interação entre seu receptor e sua mensagem, que conquista, que encanta, pela sua própria relação com nossos sentidos:

O rádio possui o seu manto de invisibilidade, como qualquer outro meio. Manifesta-se a nós ostensivamente numa franqueza íntima e particular, de pessoa a pessoa. Embora seja real e primeiramente uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas. Todas as extensões tecnológicas de nós mesmos são subliminares, entorpecem; (...) o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana. (...) o cruzamento destas duas e poderosas tecnologias humanas não poderia deixar

de fornecer algumas formas extraordinariamente novas à experiência humana. (MacLuhan, 2005:339-340)

Apesar de centralizador, e de capaz de dominar a atenção comunal em sua totalidade, o rádio não se tornou, em sua estrutura comercial e estética, o papel de meio homogeneizador da cultura e dos consensos da comunidade, sendo essencialmente local e regional. Por isso, seu impacto político é tão poderoso. E completa:

Platão, cujas idéias tribais de estrutura política estavam bem fora de moda, dizia que o tamanho médio de uma cidade era indicado pelo número de pessoas ao alcance de um orador. Até o livro impresso, para não falar do rádio, torna bastante irrelevantes, para efeitos práticos, as pressuposições políticas de Platão. Mas o rádio, dada a sua facilidade de relações íntimas e descentralizadas, tanto ao nível pessoal como ao de pequenas comunidades, poderia facilmente realizar o sonho político de Platão numa escala mundial. (MacLuhan, 2005:345)

O entendimento de MacLuhan é, portanto, o do rádio como um meio de formação de ágoras, um canal capaz de atrair o público por sua potencialidade mecânica, e de aprofundar sua participação nas potencialidades que tem, ao estar livre do caráter comercialmente homogeneizador, que passa a ser buscado pela TV.

Enquanto as alternativas em produção e difusão de produção sonora, de pessoa a pessoa, reconstituem o que talvez seja uma nova relação comunitária da música, da informação e talvez mesmo do jornalismo – em projetos como o WikiLeaks – o papel das mídias constituídas, públicas ou até mesmo comerciais, pode mudar, se aproximando do que representa este ambiente de trocas, que remete a tais produções como fator de união, de um “coletivismo”, em especial devido a esta tendência a ter no som um elemento de constituição de memórias, como aponta Halbwachs, e por isso um elemento que força aproximações, e em especial identificações e o surgimento de uma identidade. Essas comunidades ouvintes são, logo, comunidades por constituírem grupos que buscam uma harmonia a partir de sua identidade, e uma coesão a partir de um Diálogo. Em sua pluralidade interna, ao grau do indivíduo, se constituem a partir de necessidades e situações comuns, às quais se posicionam enquanto grupo, a exemplo dos movimentos raciais das décadas de 1970 e 1980, aqueles que originaram o Hip Hop, que hoje ecoa ao longe quando ouvimos os jovens em seus carros ou com seus celulares. São identidades do negro, do pobre, do nordestino, do sindicalista, da classe média. Mas, para os comunicadores, o que significam essas identidades?

Referências Bibliográficas

- BRECHT, Bertolt. *Cinco Maneiras de dizer a verdade*. In: Revista Civilização Brasileira, n05/06. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.
- _____. *Teoria do Rádio*. In: Teorias do Rádio – textos e contextos. Medich, Eduardo (org.). Florianópolis: Insulan, 2005
- BUBER, Martin. *Do diálogo ao dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982
- _____. *Sobre comunidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34. 2001.
- DETONI, Márcia. *Rádiodifusão comunitária: baixa potência, grandes mudanças? Estudo do potencial das emissoras comunitárias como instrumento de transformação social* (dissertação). São Paulo: Eca/USP, 2004.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice / Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MELLO, E. *A Arena Eletrônica e o Jornalismo Comunitário*. In <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1414-1.pdf>. Paper apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2005.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- OLIVEIRA, Dennis de. *Imprensa Sindical, Globalização Neoliberal e o Mundo do Trabalho*. São Paulo: ECA USP, 1997 (tese de doutorado).
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos*. In Revista Novos Olhares, ano 01, n° 02. São Paulo: ECA USP – Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Mediáticos, 1998.
- _____. *A Informação no rádio – Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.
- SANTORO, Luis Fernando. *Rádio Livres, o uso popular da Tecnologia*. In: Revista Comunicação e Sociedade, n° 6. São Bernardo do Campo: 1981.
- ZUBEN, Newton A. V.. *Diálogo e Existência no Pensamento de Martin Buber*. in Forghieri, Y. C.(org.), Fenomenologia e Psicologia. São Paulo: Ed. Cortez, 1984. Consultado em <http://www.fae.unicamp.br/vonzuben/dialogo.html>, em 14/01/2010.